

UM OLHAR SOBRE O AUTISMO E SUA ESPECIFICAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Aline de Fátima dos Santos*
Antônio José Figueiredo Oliveira**

RESUMO

Este trabalho descreve como trabalhar com alunos diagnosticados com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) a partir da Análise Comportamental Aplicada (ABA). Tal abordagem se justifica porque a escola é uma influenciadora no que diz respeito ao desenvolvimento infantil de crianças com autismo, seja pelo professor que exerce um papel importante por força de suas mediações, que irão favorecer a aquisição de diferentes habilidades, seja pela oportunidade de ela conviver com outras crianças. O processo de inclusão escolar dos alunos com autismo ainda é um desafio em nosso país. O objetivo deste estudo é descrever, com base em pesquisas bibliográficas, uma proposta efetiva para a inclusão escolar de alunos com Transtorno de Espectro do Autismo (TEA) a partir da ABA. Este propósito será conseguido a partir da revisão bibliográfica. A pesquisa comprovou que a Ciência ABA é eficaz para a melhora no desenvolvimento de habilidades de crianças que são diagnosticadas com Transtorno do Espectro do Autismo, porque parte do princípio de que toda criança tem a capacidade de aprender, desde que se respeitem a inclusão e os limites de cada criança.

Palavras-chave: ABA. Autista. Educação Infantil. Inclusão

* Aline de Fátima dos Santos, graduanda do curso de Pedagogia. E-mail: aline.santos1@alunos.unis.edu.br

** Professor do Centro Universitário do Sul de Minas (UNIS/MG). E-mail: antonio.jose@professor.unis.edu.br

1 INTRODUÇÃO

Mesmo sendo bastante discutida a questão da educação inclusiva, ainda é um assunto que requer técnicas cada vez mais eficazes para a segurança desse direito. A prática de inclusão para os alunos com Transtorno de Espectro do Autismo (TEA) nas classes populares é desafiadora, gerando, na maioria das vezes, dúvidas para os pais, profissionais da educação e também para a sociedade onde vivem. As escolas devem proporcionar o suporte necessário para a confirmação de uma educação de qualidade e do respeito às diferenças para todos os alunos. É essencial a discussão sobre formação de professores nesta perspectiva, especialmente no caso de crianças com autismo. Urge que todos os profissionais da educação tenham acesso ao diagnóstico médico do aluno, porque existe uma variedade de manifestação do transtorno. Tendo esse acesso em mãos, os profissionais da educação saberão quais as capacidades e os comprometimentos de cada aluno. É essencial fazer uma avaliação individual de cada aluno, porque nenhum autista é igual ao outro.

2 TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO (TEA)

O transtorno do espectro do autismo (TEA) é um transtorno do neurodesenvolvimento que vai interferir nas áreas de socialização, da comunicação, da linguagem e interesses restritos e repetitivos. As crianças acometidas por ele se isolam, têm dificuldade de contato visual e de escuta seletiva. Apresentam bloqueios em manter uma conversa, possuem ausência na fala, encontram barreiras para interpretar o que lhe está sendo falado e têm dificuldade de lidar com mudança de rotina.

Segundo o Manual de Diagnóstico e Estatística da Sociedade Norte Americana de Psiquiatria DSM-V (APA, 2013), diferentemente do DSM-IV no qual o autismo era agregado a categoria de Transtornos Globais do Desenvolvimento, na 5ª edição foram propostas modificações significativas para o diagnóstico de autismo. Neste manual, os diferentes subtipos dos transtornos indicados no DSM-IV são modificados e passam a ser identificados com diferentes níveis de gravidade no Transtorno do Espectro do Autismo (TEA). Isso ocorreu devido a compreensão científica de que uma mesma condição pode apresentar nuances em dois grupos de sintomas: déficit na comunicação e interação social; padrão de comportamentos, interesses e atividades restritos e repetitivos. (BENUTE, 2020, p. 11).

No Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-IV), o que hoje é classificado como Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), era classificado como Transtorno

Globais do Desenvolvimento (TGD), que era dividido como transtorno autista, transtorno de rett, transtorno desintegrativo da infância, transtorno de asperger e transtorno invasivo do desenvolvimento sem outra especificação. Apresentava o eixo do diagnóstico em uma tríade de sintomas: déficits na comunicação, déficits na interação social e déficits no comportamento.

Nos últimos anos, as estimativas da prevalência do autismo têm aumentado dramaticamente. Nos Estados Unidos da América, por exemplo, de 1 para cada 150 crianças de 8 anos em 2000 e 2002, a prevalência do TEA aumentou para 1 para cada 68 crianças em 2010 e 2012, chegando à prevalência de 1 para cada 58 em 2014, mais que duplicando o número de casos durante esse período. (SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA., 2016, p. 2)

Esse aumento significativo de crianças com TEA se deve às mudanças dos critérios de diagnósticos e do desenvolvimento de rastreamento com propriedades psicométricas adequadas. Nos dias atuais, está mais fácil o acesso a tal assunto, pois existem mais profissionais nessa área, e as mães ou responsáveis já tendem a observar os sinais de alerta que seu filho pode vir apresentar.

Hoje, portanto, do ponto de vista da neurociência, o autismo é um transtorno do neurodesenvolvimento, ou seja, são condições neurológicas que aparecem precocemente na infância, geralmente antes dos três anos de idade e afetam o desenvolvimento pessoal, social, acadêmico e/ou profissional do indivíduo. (BENUTE, 2020, p. 11).

Aos 6 meses de idade, é ideal observar se o bebê se expressa pouco, se tem baixo contato ocular, se tem ausência de sorriso e pouco engajamento sociocomunicativo. Aos 9 meses, se esse bebê balbucia, ou seja, se ele fala “mama/papa”, se olha quando é chamado, se olha para onde o adulto aponta, se a imitação é pouca ou ausente. Aos 12 meses, se essa criança apresenta gestos convencionais, ou seja, se ela abana a mão para dar tchau e mostra ausência de atenção compartilhada.

2.1 Níveis

Nível 1: necessita de apoio, apresentam sintomas mais leves, o problema na comunicação pode ser percebido, mas não é uma barreira para que as crianças interajam socialmente ou deixe de desempenhar funções que valorizam o seu contato com as demais pessoas. Podem apresentar dificuldades nas interações sociais, mas podem ser capazes de se comunicar verbalmente. No

entanto, podem ter dificuldade em manter uma conversa, possuem comportamentos restritos e repetitivos, podem preferir seguir rotinas estabelecidas e se sentirem desconfortáveis com mudanças ou eventos inesperados, assim como podem fazer certas coisas à sua maneira. Apresentam prejuízos, mas necessitam apenas de um suporte mínimo para ajudá-las em suas atividades do dia a dia. (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014)

Nível 2: necessitam de um suporte substancial, apresentam comportamentos restritos e repetitivos com gravidade maior do que as do nível 1, também gostam de manter rotinas ou hábitos que ao serem interrompidos podem causar desconforto. Apresentam déficits na comunicação, podendo ou não se comunicar verbalmente e, se acontecer essa comunicação, essas conversas podem ser curtas ou apenas sobre tópicos específicos. Com isso, podem necessitar de suporte para participar de atividades sociais, apresentar dificuldades em mudar de ambientes, desviar o foco ou a atenção. (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014)

Nível 3: necessita de muito apoio, apresentam prejuízos graves nas interações sociais, apresentam dificuldades significativas na comunicação e nas habilidades sociais, apresentam dificuldades extremas com mudanças e necessitam de um suporte substancial para realizar as tarefas do dia a dia, incluindo as de higiene pessoal e autocuidado. Alguns podem se comunicar verbalmente, porém muitos não falam ou não usam muitas palavras para se comunicar. Não lidam bem com eventos inesperados, podem ser poucos sensíveis a determinados estímulos sensoriais e apresentam comportamentos restritos e repetitivos. Nesse nível o ideal é que se utilize a comunicação alternativa, com auxílio de figuras que representam objetos, ações, alimentos e atividades. (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014)

3 O QUE É ABA

A Análise Comportamental Aplicada (ABA) é comprovada cientificamente, passou por uma série de estudos que provam que esse tipo de intervenção realmente funciona. Essas pesquisas são feitas a partir de análises de resultados de participantes, levando-se em consideração a evolução deles durante os estudos. O desempenho do indivíduo é medido antes de começar a intervenção e depois.

“O criador do behaviorismo metodológico (também denominado como comportamentalismo), matéria de interesse desse estudo, é John B. Watson (1878-1958). Para ele

o behaviorismo metodológico tem caráter empirista, onde rejeita os processos mentais como objeto de pesquisa.” (ARAÚJO et al, 2019, p. 207). Tendo surgido em 1913, o Behaviorismo é uma proposta da Psicologia para entender como pensamos, agimos e sentimos. A partir do Manifesto Behaviorista, que fala sobre o comportamentalismo, Watson, influenciado pelas descobertas de Pavlov, ficou interessado pelo comportamento humano, pela função adaptativa dos comportamentos, cujos resultados estão fundamentados na base do Behaviorismo metodológico. É de caráter determinista, porque é uma teoria baseada em estímulo e resposta. No Behaviorismo Metodológico há uma ênfase aos procedimentos de medida do comportamento em sua relação com o ambiente ficando conhecido como a Psicologia do S-R onde S operacionaliza o ambiente e R o comportamento (MATOS, 1997 apud ARAÚJO et al, 2019, p. 208).

Pode-se classificar o comportamento humano de dois tipos, sendo um deles, o comportamento incondicionado ou reflexo, cujo foi fonte de estudos de Watson, com base no experimento de Pavlov, sobre a relação estímulo e resposta.

Outra influência importante para Watson foi a de Ivan Petrovitch Pavlov (1849-1936), pois o seu método auxiliou nos estudos de controle e modificação do comportamento por Watson. Pavlov trabalhou com três questões centrais: a função dos nervos cardíacos, as glândulas digestivas primárias e o estudo dos reflexos condicionados que lhe rendeu lugar de muito destaque na História da Psicologia. O reflexo condicionado ocorreu de uma descoberta acidental: em um trabalho com as glândulas digestivas dos cães, Pavlov percebeu que os cachorros salivavam também antes de receberem a comida, isto acontecia com o som dos passos dos homens que geralmente os alimentavam. Esta reação de salivação se condicionou ao estímulo que antes era associado ao recebimento da comida.” (ARAÚJO et al, 2019, p. 208- 209)

Com isso, Watson pontua o comportamento como um objeto de estudo, inaugurando essa ciência como “manifesto behaviorista”. Apesar de trazer o objeto de estudo, ainda não tinha o modelo. Pavlov traz um modelo para estudar o comportamento conhecido como “modelo de comportamento reflexo”, que foi feito através da salivação canina. O experimento tinha o estímulo (S) – o bife e a resposta (R) – a salivação. A partir disso, viu-se a oportunidade de poder estudar o comportamento humano baseado nesse modelo proposto por Pavlov. O psicólogo estadunidense entendeu que, através de alguns reflexos inatos, adquire-se todo um comportamento. Cada sujeito possui comportamentos que são responsáveis pela interação com o ambiente e sua cultura. “Pavlov percebeu que a aprendizagem ou condicionamento só ocorreria se este processo ocorresse um número de vezes suficiente. Assim, o reforço é necessário para que a aprendizagem ocorra” (ARAÚJO et al, 2019, p. 209)

O outro comportamento possível de identificar é o comportamento operante, um comportamento 100% aprendido. O comportamento operante é voluntário, modifica o ambiente e, com isso, é modificado pelas consequências que alteram a probabilidade daquele comportamento ocorrer novamente em situações do futuro.

Nesse sentido, Skinner (embora reconhecendo a dificuldade de se ter acesso ao primeiro) não separa mundo interno de mundo externo. E é por isso que para ele não existem estímulos e respostas, existe uma unidade interativa Comportamento-Ambiente (não esquecendo que Ambiente é tudo aquilo que é externo ao Comportamento, não importando se é um piscar de luz, um desequilíbrio hídrico, um derrame de adrenalina, ou um objeto ausente associado a um evento presente; não importando se sua relação com o comportamento é de contiguidade espaço/temporal (o que é exigido pelo mecanismo metodológico para a troca de energias) ou não. É por isso que a psicologia proposta por Skinner não é uma psicologia S-R. Para ele não existe Comportamento (no sentido de não "podemos entender") sem as circunstâncias em que ocorre; e não tem sentido falarmos em circunstâncias sem a especificação do comportamento que circunstanciam. (MATOS, 1995, p. 5)

Skinner critica o modelo de Watson (S-R) e propõe uma mudança de modelo. Admite que algumas respostas são condicionadas a partir desse modelo e, com isso, não descarta esse modelo de condicionamento respondente. A partir dessa proposição, inaugurou o modelo chamado hoje de contingência de reforçamento ou tríplice contingente. "O termo contingência é empregado para se referir a regras que especificam relações entre eventos ambientais ou entre comportamento e eventos ambientais" (Skinner, 1953/1967 apud TODOROV, 2010, p. 146). Skinner define contingência como um instrumento conceitual na análise de interações do organismo e ambiente, S (contexto) R (resposta) - C (consequência). A partir desse modelo, tem-se o comportamento operante. Skinner traz esse modelo para complementar o modelo de condicionamento respondente.

O tipo de comportamento correlacionado com estímulos eliciadores específicos pode ser denominado de comportamento respondente e uma correlação determinada um respondente. Pretende-se com isso que o termo tenha o sentido de uma relação com um evento prévio. Refiro-me ao comportamento que não está sob esse tipo de controle como operante e a qualquer exemplo específico como um operante. (SKINNER, 1938 apud TODOROV, 2002, p. 123).

Skinner propõe que alguns comportamentos surgem e se mantêm, não a partir de uma eliciação (termo que se relaciona a ocorrência de uma resposta respondente) de um estímulo no ambiente que causa um comportamento, mas a partir de uma relação na qual tem-se uma resposta e a partir dela consegue-se uma alteração no ambiente ao qual se chama de consequência, que é representada pela letra C. Nesse modelo proposto por Skinner não se observa uma resposta eliciada e sim emitida. Essa resposta em um determinado contexto causa uma consequência.

Skinner vai chamar de condicionamento operante as respostas novas que o indivíduo adquiriu a partir de uma interação com o meio. Então, se alguém está em um contexto qualquer e emite uma resposta, se aquela consequência, alteração no ambiente for uma consequência reforçadora e agradável seguida da resposta emitida, essa pessoa terá uma alta probabilidade de repetir aquela mesma resposta. Por exemplo: O professor quer que seu aluno pegue o apagador que está em cima da mesa. Quando for pegar o apagador, o professor lhe diz: muito bem!

S (contexto): sala de aula R (resposta): pegar apagador - C (consequência): muito bem!

É o que pontifica a ABA, uma ciência que, por meio de terapias, trabalha o reforço dos comportamentos positivos, tendo como objetivo integrar a criança na comunidade, da qual ela faz parte. Além de ensinar-lhe habilidades e comportamentos positivos, diminuindo a probabilidade de ocorrência dos comportamentos menos adaptativos e aumentando a probabilidade de ocorrência dos comportamentos funcionais.

A Análise Comportamental Aplicada ou Applied Behavior Analysis, cuja sigla é ABA, é uma ciência cujas intervenções derivam dos princípios do comportamento e possui como objetivo aprimorar comportamentos socialmente relevantes. Em outras palavras, ensinar habilidades que façam diferença na vida dos indivíduos que compõem uma sociedade e para que eles sejam capazes de acessar itens, atividades e ambientes que promovam o seu bem-estar, se tornem independentes e capazes de participar de grupos sociais importantes. (GRUPO CONDUZIR INTERVENÇÃO COMPORTAMENTAL, [2018?], p. 1).

Esse tratamento faz parte de um processo bastante extenso e estruturado na questão de ensino aprendizagem. A ABA ajuda as pessoas com autismo de várias maneiras, como no progresso do seu comportamento no processo de reforço em interação social e nas tarefas; ensina habilidades novas para a vida, na comunicação e na socialização; mantém comportamento de autocontrole e auto monitoramento para manter e generalizar as habilidades sociais relacionadas com o trabalho; transfere o comportamento de uma situação ou resposta à outra, por exemplo, completar frases para um desempenho bom em sala de aula, e reduz comportamentos de interferências, como as estereotípias. É um tratamento que mais tem evidências científicas comprovadoras de sua eficácia para crianças autistas e também para crianças com outros transtornos de neurodesenvolvimento. Ela parte de um princípio de que toda criança é capaz de aprender, desde que se respeite a inclusão e os limites da criança.

Algumas pessoas conhecem a ABA somente como um tratamento para crianças com autismo, mas ela também possui eficácia nas intervenções de comportamento de crianças neurotípicas (que não possuem problemas de desenvolvimento neurológico). Ficou conhecida

como tratamento para autismo, porque Lovaas em 1987 utilizou pela primeira vez a ABA em um experimento. O primeiro estudo sobre Intervenção Comportamental Intensiva aplicada ao tratamento do autismo foi publicado na década de 1980 (LOVAAS, 1987 apud GOMES et al, 2017, p. 378).

Nesse trabalho, três grupos de crianças com autismo, que tinham idades abaixo de 4 anos no início do estudo, foram avaliados. O grupo experimental, composto por 19 crianças, foi exposto à Intervenção Comportamental Intensiva, com um educador para cada criança, por 40 horas semanais ou mais, por dois ou mais anos consecutivos. O tratamento consistiu no ensino simultâneo de habilidades em diversas áreas (ex. comunicação, interação social, imitação, autocuidados) visando melhorar o desenvolvimento das crianças. Um grupo controle, composto por 19 crianças, recebeu intervenção comportamental mínima, por 10 h semanais ou menos; (GOMES et al., 2017, p. 378)

Teve como principal objetivo verificar a efetividade de um ambiente de intervenções comportamentais intensas e comparar a efetividade de tratamento alternativo. Os resultados comprovam que a ABA obteve eficácia no tratamento das 19 crianças que receberam a intervenção de 40 horas semanais ou mais, porque grande parte delas tiveram ganhos expressivos e foram consideradas aptas a acompanhar seus colegas em turmas regulares de ensino. Ganhou, assim, essa popularidade no tratamento do autismo.

3.1 Como funciona a ABA

A intervenção ABA é um tratamento que mais tem evidência científica que comprove sua eficácia, tanto para crianças com TEA quanto para crianças neurotípicas ou até mesmo com crianças que possuem transtornos do neurodesenvolvimento, como TDAH e TOD. É baseada na integração daquele indivíduo na comunidade da qual faz parte. Isso significa que será aplicada em diversos ambientes que a criança frequenta no seu dia a dia, como a escola, a sua casa, local de lazer, terapia ocupacional, entre outros lugares. Ela pode ser aplicada pelo professor, pelos pais, pelo acompanhante terapêutico e até mesmo pelo estagiário da escola que essa criança frequenta. Mas essa pessoa precisa ter perfil para trabalhar com crianças, que seja lúdico e proativo. É necessário que esse aplicador seja reforçador para a criança, porque uma intervenção baseada na ABA precisa ser alegre, ativa, dinâmica e lúdica. Não é a ABA que é baseada em evidências, mas sim as estratégias por ela utilizadas que são baseadas em evidências.

ABA é caracterizada pela coleta de dados antes, durante e depois da intervenção para analisar o progresso individual da criança e auxiliar na tomada de decisões em relação ao programa de intervenção e às estratégias que melhor promovem a aquisição de habilidades especificamente necessárias para cada criança (BAER, WOLF; RISLEY, 1968, 1987; HUNDERT, 2009 apud CAMARGO; RISPOLI, 2013, p. 641).

O segredo para que uma intervenção ABA tenha sucesso é a individualidade do ensino. Para fazer uma boa avaliação, é necessário o uso de protocolos como o Programa de avaliação e colocação de marcos de comportamento verbal (VB-MAPP), entre outros. São coletados dados através de uma avaliação funcional que verifica o que acontece antes e o que acontece depois. Para praticar a redução de comportamentos inadequados, é preciso ficar atento ao antecedente, ou seja, o que aconteceu antes, porque o ambiente é onde se encontram estímulos para tais comportamentos. O comportamento ocorre em busca de algo e, na ABA, é chamado de reforço, caracterizado como algo que mantém esse comportamento, fazendo com que ganhe força. Consegue-se, pois, compreender o motivo da criança gritar, bater, morder, entre outros.

ABA investiga as variáveis que afetam o comportamento humano, sendo capaz de mudá-los através da modificação de seus antecedentes (o que ocorreu antes e pode ter sido um possível gatilho para a ocorrência do comportamento) e suas consequências - eventos que se sucederam após a ocorrência do comportamento, e que podem ter sido agradáveis ou desagradáveis determinando a probabilidade de que ocorram novamente (SUGAI; LEWIS-PALMER; HAGANBURKE, 2000 apud CAMARGO; RISPOLI, 2013, p. 64).

Quando dizemos que uma consequência é reforçadora, significa que o é em função da resposta. Ou seja, as consequências reforçadoras robustecem um comportamento, fazendo com que ele apareça mais vezes no ambiente. Por exemplo, a criança bate no braço da mãe. Esse bater no braço poderia ser um modo inadequado de chamar a atenção da mãe ou ser usado para dizer que a criança não quer algo. Aqui se observa que, no primeiro a criança bate para chamar a atenção da mãe e a mãe dando atenção para essa criança caso, estará reforçando o comportamento de bater, adicionando o estímulo de ter a atenção da mãe. Já no segundo, a criança está batendo para tentar sair de uma demanda, ou seja, algo que ela não quer fazer e a mãe deixa a criança sair. Com isso, tem-se a consequência reforçadora, então na próxima vez que a criança quiser fugir de algo ou desejar se esquivar de uma demanda, irá bater, porque eliminou um estímulo que estava sendo aversivo para ela.

Gera, então, uma tríplice contingente.

S (antecedente): presença da mãe R (resposta): bater no braço - C (consequência): ter atenção da mãe

S (antecedente) atividade solicitada pela mãe R (resposta): bater no braço - C (consequência): não realizou a atividade

Constata-se que a consequência pode aumentar a frequência de ocorrência futura da classe de resposta que a antecedeu ou pode diminuir a frequência. Para acontecer o aumento de frequência, a criança recebe o reforço e para diminuir a frequência a criança recebe a punição.

Assim, conforme Skinner (1989) considera-se que, o reforço pode ser usado como uma técnica de controle do comportamento do indivíduo. Através do uso da contingência de reforço, como por exemplo, esclarecendo a relação entre o comportamento e suas consequências como o uso de regras para o indivíduo, o controlador (ou planejador de uma prática) pode usar eventos reforçadores, tornando mais provável a modificação do comportamento controlado pelas contingências. (SOUZA, 2013 p. 97).

Os tipos de consequência se baseiam em reforço positivo e reforço negativo. O primeiro é um estímulo adicionado no ambiente que aumenta a frequência da resposta. Quando a criança continua repetindo várias vezes determinado comportamento, ocorreu um reforço positivo. Por exemplo, a criança está chorando porque quer um brinquedo e alguém lhe entrega. Isso aumenta a probabilidade de chorar outras vezes, quando ela quiser ganhar um brinquedo. Já o segundo é a retirada de um estímulo aversivo do ambiente, aumentando a probabilidade de frequência na resposta. Com base no exemplo acima, entregar o brinquedo para a criança foi um reforço negativo para a professora, porque retirou um estímulo aversivo para ela, que era o choro da criança durante a aula. Só que com isso, todas as vezes que a criança chorava, a professora entregava o brinquedo para essa criança na tentativa de acalmá-la. Nota-se que o reforço negativo aumenta a probabilidade da resposta ocorrer novamente.

Os reforçadores naturais e arbitrários são também definidos através dos termos intrínsecos e extrínsecos, respectivamente. Os reforçadores intrínsecos originam-se no próprio comportamento do indivíduo, e são os resultados automáticos do responder; [...] Já os reforçadores extrínsecos são compreendidos como consequências externas a uma atividade, apresentadas ou planejadas por outra pessoa, contingentes de um determinado comportamento como, por exemplo: notas, prêmios (LOS HORCONES, 1992; SANTOS; ROSE, 1999 apud SOUZA, 2013, p. 41-42)

Então, os reforçadores naturais são produtos diretos da consequência reforçadora. Por exemplo, a criança adora pintar, a pintura é produto direto de reforçamento. Já os reforçamentos arbitrários são produtos indiretos de reforçamento, ou seja, para que a criança esteja motivada a realizar uma atividade de pintura, a professora terá de usar uma consequência reforçadora indireta. Portanto, após a pintura, essa criança receberá o brinquedo preferido dela.

De uma maneira geral, o reforço nada mais é do que tudo que aumenta as chances de um comportamento ocorrer novamente. Por exemplo, o aluno quer um brinquedo e, para ganhar esse brinquedo, aponta o dedo para a direção onde esse brinquedo está localizado. Em seguida, a professora entrega o brinquedo para essa criança. Entendeu-se que o comportamento de apontar foi reforçado pelo fato da professora entregar o brinquedo. Mas esse reforço não precisa ser necessariamente algo tangível. Pode ser social através de elogios, sorrisos e aplausos. Pode ser uma atividade através de um jogo ou uma brincadeira. Pode ser físico através de abraços e beijos. E também pode ser comestível através de doces, frutas e lanches.

A punição é o contrário do reforço, ela acontece para diminuir as chances de que determinado comportamento aconteça novamente. Essa punição não está ligada à agressão e sim ao fato de, por exemplo, quando os alunos estão conversando e a professora olha para eles. O olhar da professora faz com que diminua o comportamento de conversa entre os alunos.

A extinção é quando um determinado comportamento deixa de ter um reforço e chega a ser extinto. Por exemplo, a professora ficou brava com um aluno e ele ficou chateado com ela. A professora tenta várias vezes conversar com esse aluno e ele nega ter essa conversa. Com o tempo, a professora deixará de tentar ter essa conversa, fazendo com que esse comportamento entre em extinção.

4 CONCLUSÃO

Neste momento, percebe-se que a ABA é eficaz para desenvolver habilidades significativas para as crianças que são diagnosticadas com Transtorno do Espectro do Autismo. Sabe-se que, ganhar atenção de crianças que são diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista, não é nada fácil, por causa da dificuldade que elas têm para se comunicar, interagir socialmente e pelos comportamentos e interesses restritos e repetitivos. A criança autista pode ter dificuldade para aceitar novos estímulos e pode acontecer de ela evitar novas aprendizagens. Por isso nem sempre é um trabalho fácil e acaba se tornando um desafio conseguir ter a atenção dessa criança. É necessário que se tenha uma estratégia para que se consiga a atenção dessa criança. Se essa criança gosta muito de dinossauro, por exemplo, comece a aproximação imitando o comportamento da criança, fazendo alguns sons, dando narrativa para a brincadeira. Mas é importante ter cautela para que a criança não fique desmotivada de alguma forma na hora dessa brincadeira. Deve-se evitar

fazer solicitações com instruções, mesmo que elas sejam simples, como “pega isso aqui” ou “coloca isso aqui”. É necessário que nesse primeiro momento, para ganhar a atenção da criança, imitemos a criança no que ela faz e tornemos válido essa brincadeira dela. Com isso, é possível perceber-se que, com o tempo, consegue-se um contato visual e um sorriso dessa criança. Pode-se afirmar que a ABA atua diretamente no comportamento da criança, desenvolvendo uma melhor qualidade de vida. Faz-se necessário observar o comportamento que é mais relevante no momento, ou seja, ela está diretamente ligada a observação e avaliação do comportamento. É preciso que uma intervenção esteja relacionada ao que a criança já sabe fazer para partir do mais fácil para o mais complexo.

A ABA é fundamentada nos princípios e conceitos do modelo teórico da análise do comportamento. Mostra-se analítica, ou seja, acompanha as evoluções do comportamento através dos registros próprios, analisando sobre quais mudanças estão controlando o comportamento. É sabido que o comportamento da criança é único, e a avaliação dessa criança deverá ser sempre individual. Essa intervenção precisa partir de uma aprendizagem sem erro, respeitando os níveis de habilidade de cada criança. Caso a ela esteja cometendo muitos erros, é necessário reavaliar a prática. O procedimento utilizado precisa ser claro e possível de ser aplicado por outras pessoas, ou seja, o procedimento deve estar em uma linguagem simples, clara e objetiva, porque o comportamento da criança precisa ser generalizado para outros ambientes e partilhado com outras pessoas. Sabe-se que toda criança tem a capacidade de aprender.

A LOOK AT AUTISM AND ITS SPECIFICATION IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION

ABSTRACT

This work describes how to work with the diagnosis of students with Autistic Spectrum Disorder (ASD) using Applied Behavior Analysis (ABA). Such an approach is justified because the school is an influencer with regard to the child development of children with autism, whether by the teacher who plays an important role because of their mediations, which will favor the acquisition of different skills, or because of their opportunity. socialize with other children. The process of including students with autism in school is still a challenge in our country. The objective

of this study is to describe, based on bibliographical research, an effective proposal for the inclusion of students with Autistic Spectrum Disorder (ASD) in ABA schools. This objective will be achieved based on the literature review. Research has proven that ABA Science is effective in improving the skill development of children diagnosed with Autism Spectrum Disorder, as it assumes that every child has the ability to learn, as long as inclusion and limits are respected. of each child.

Keywords: Tab. Autistic. Child education. Inclusion.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

ARAÚJO, R. G. de et al. A concepção behaviorista de Pavlov e Watson: implicações na educação profissional. **Revista Semiárido de Visu**, Petrolina, v. 7, n. 2, p. 206-221, 2019.

BENUTE, Gláucia Rosana Guerra (Org.). **Transtorno do espectro autista (TEA): desafios da inclusão**. São Paulo: Setor de Publicações - Centro Universitário São Camilo, 2020. (Vol. 2).

CAMARGO, Sígilia Pimentel Höher; RISPOLI, Mandy. Análise do comportamento aplicada como intervenção para o autismo: definição, características e pressupostos filosóficos. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 26 n. 47 p. 639-650 set./dez. 2013.

CARDOSO, Fernando Henrique. **Convenção da Guatemala, de 28 de maio de 1999**. 1999. Disponível em: <<http://www.faders.rs.gov.br/legislacao/6/29>>. Acesso em: 30 mar. 2021.

GOMES, Camila Graciella Santos et al. Intervenção Comportamental Precoce e Intensiva com Crianças com Autismo por Meio da Capacitação de Cuidadores. **Rev. Bras. Ed. Esp.**, Marília, v. 23, n. 3, p. 377-390, jul./set. 2017.

GRUPO CONDUZIR INTERVENÇÃO COMPORTAMENTAL. **ABA: análise do comportamento aplicada**. [2018?]. Disponível em: <<https://www.grupoconduzir.com.br/aba-tratamento-autismo/>>. Acesso em: 18 mar. 2021.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed São Paulo: Atlas, 2003. 311 p.

MATOS, Maria Amélia. **O behaviorismo metodológico e o behaviorismo radical: psicoterapia comportamental e cognitiva: pesquisa, prática, aplicações e problemas**. Campinas: Psy, 1995.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. **Transtorno no Espectro do Autismo**. Rio de Janeiro: Departamento Científico de Pediatria do Desenvolvimento e Comportamento, 2016.

SOUZA, Vivian Bonani. **Reforçadores arbitrários e naturais, de curto e de longo prazo: uma análise conceitual sobre procedimentos de transferência de controle**. Bauru: [s. n.], 2013.

TODOROV, João Cláudio. A evolução do conceito de operante. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 18, n. 2, p. 123-127, ago. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-37722002000200002&script=sci_arttext> Acesso em: 12 mar. 2021.